



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS



PARTO TRADICIONAL DO POVO PATAXÓ HÃ HÃ HÃE

TERRA INDÍGENA CARAMURU-SÃO VICENTE
PAU BRASIL 6 BA

Sara Santos Moraes

PARTO TRADICIONAL DO POVO PATAXÓ HãHãHãe

Percurso acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Habilitação Ciências da Vida e da Natureza, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada.

Orientadora Professora Dra. Erica Dumont Pena

Coorientadora Ms Luz Alba Ballen Sierra

TERRA INDÍGENA CARAMURU SÃO VICENTE

PAU BRASIL-BA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a vida passa muito rápido e é feita de momentos colecionáveis, difícil mesmo é fazer a escolha certa. Em 2014 a FaE da Universidade Federal de Minas Gerais abriu o vestibular para nova turma CVN. Decidi me inscrever após uma conversa com uma amiga, fiz a prova e ao sair o resultado eu não queria fazer a matrícula. Mais uma vez aquela amiga, junto aos demais colegas que passaram, me motivaram a prosseguir. Meses depois estávamos aqui. No primeiro dia de aula eu entendi o porquê de estar aqui. Os dias se passaram e para permanecer no curso eu tive ajuda de mais dois amigos que logo desistiram: um deles hoje é saudoso mas ficou marcado em minhas lembranças que o motivo deles terem passado por aqui foi para que eu pudesse permanecer. Após atravessar esta fase difícil comecei a me sentir bem como que eu já havia estado aqui, pois reconhecia cada ambiente que visitava e o prazer a mim proporcionado não há dinheiro que pague. Hoje agradeço e valorizo a vida com a mais sincera gratidão a todas as pessoas, não por obrigação mas por amor a cada um de vocês que passaram por minha trajetória aqui e de um jeito ou de outro contribuíram para que eu galgasse mais um degrau na escada da vida, assim eu agradeço...

A Tupã por ter permitido que tudo isso acontecesse e não somente nestes anos como graduanda mas em todos os momentos da minha vida sendo o maior mestre que alguém pode ter.

A FAE Universidade Federal de Minas Gerais, a gestão e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um acendrado futuro moldado no mérito e ética aqui presente.

A minha orientadora Professora Dra. Érica Dumont Pena e a minha coorientadora Ms Luz Alba Ballen Sierra pelo empenho dedicado a elaboração deste trabalho.

Aos docentes nas pessoas de Marina Tavares, Lucinha Alvares, Juarez Melgaço, Célio Silveira Junior, Marcos Vinícius Bortolos, Pedro Rocha, M^a Gorete Neto, Shirley Miranda, Maria Clemência de Fátima Silva e Adriano Matos, peças fundamentais na construção de um saber primordial para minha vivência diária.

A minha banca nas pessoas da professora M^a José Muniz de Andrade e o professor Pedro Rocha que muito contribuíram para a avaliação do meu percurso no qual abrilhantaram o meu trabalho.

A Secretária do FIEI Luciana por agilizar os tramites burocráticos para que a nossa estada no Curso seja o mais tranquilo possível.

Às bolsistas, nas pessoas de Natália Ribeiro, Rebeca Andrade, Aquilha Bruno Miranda, Luz Alba Ballen, Luiza Regina de Oliveira Infante, Marcela Helena Gonçalves e Iracema

Carvalho, e aos alunos voluntários do Professor Bortolos: Pierre e Welington que cumpriram o papel não só de monitores mas também de amigos.

As parteiras, rezador e gestantes as Sras. Eliza Maria dos Anjos, Ideildes Fernandes e M^a José Muniz de Andrade, o Sr Valdemar, a Nayara Evely Moraes Silva, Greiciane Coelho e Laisa Oliveira por terem concedido as entrevistas e até acompanhamento durante a gestação, envolvendo consultas com as parteiras, enfermeira e médicos.

A Dra. Adalfa Shange, Médica Clínica Geral do Hospital Arlete Magalhães de Pau Brasil por sua entrevista e patrocínio para a roda de conversa.

Ao meu saudoso pai José Moraes, que apesar de todas as dificuldades em vida me fortaleceu e para mim foi e será muito importante.

Agradeço a minha mãe Gildete Santos Moraes, heroína que me deu apoio e incentivo nas horas difíceis de desânimo e cansaço.

Ao meu esposo Michael Cardoso Oliveira, companheiro em todas as horas.

Aos meus filhos que nos momentos de minha ausência dedicada ao estudo desta graduação sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

A minha comunidade, aos caciques e lideranças pelo apoio a mim confiado, em especial a Gerson de Souza Melo, Reginaldo Ramos, Aguinaldo Ramos, Vagner Ramos, Luís, Ilza Rodrigues, Nailton Muniz e Vardo.

A gestão escolar onde eu trabalho pelo apoio aos meus substitutos ajudando-os a suprirem minha ausência a auxiliarem meus alunos.

Aos meus colegas de profissão Luzineth Muniz de Andrade e Hádsson por me ajudarem na organização da roda de conversa sobre parto tradicional.

As minhas colegas de turma, M^a da Paixão, Marilene, Isaura, Laura e Vânia.

Meus agradecimentos à artesã Arileia por ter feito com tanto carinho a roupa para minha formatura.

E por último não menos importante, como iniciei os votos de agradecimentos me referindo a estas pessoas, faço questão de apresentá-los: Edenísia Pereira Santos, Wendeuslelei Alves de Souza e ao saudoso e grande amigo Erlon Santos de Souza.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha família, em especial aos meus pais José Moraes (IN memorian) e Gildete Santos Moraes, aos meus filhos Nayara Evely, Yaná Jaqueline, Railan Bekoi, Alan Rainer e Aponãhi Engeus que entenderam minha ausência nos períodos que saía para estudar. Ao meu esposo Michael Cardoso de Oliveira pelas inúmeras vezes que cuidou do nosso filho Engeus e por ter me acompanhado na pesquisa de campo, garantindo a veracidade na coleta de dados. Aos meus irmãos pelo apoio nas horas difíceis que atravessamos na perda do nosso pai para que eu não desistisse jamais de meus objetivos. À Maria José Muniz de Andrade, por cuidar de Alan. E à Maria Aparecida por ter ajudado também a cuidar do meu filho Engeus.

RESUMO

PARTO TRADICIONAL PATAXÓ HÃHÃHÃE

O parto tradicional indígena é importante por ocorrer no aconchego familiar, promover o cuidado da mãe e do bebê com respeito e carinho a partir dos cuidados tradicionais da parteira, que com sua experiência transmite segurança e promove assim uma recuperação rápida e um começo de vida com mais saúde. O objetivo principal deste trabalho foi analisar o saber tradicional Pataxó Hã hã hãe sobre a gestação, o parto e o nascimento, como um saber histórico e cultural. O presente trabalho foi uma missão a mim confiada pela minha saudosa avó paterna, através de um sonho. No início relutei pois sabia que não seria fácil, por se tratar de uma área diferente da que atuo, com o passar dos dias percebi que o saber tradicional está inserido em todas as nossas vivências e passei então a me dedicar e a colocar em prática o desenvolvimento deste trabalho através de entrevistas as parteiras, anciãos, mulheres grávidas, como minha filha e minha nora, também foi realizada roda de conversa e atividades com os alunos do Estágio V EJA noturno e os alunos do 3º Ano do Ensino Médio do Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru. Os resultados desses encontros foram organizadas de acordo com as falas das entrevistadas, as quais possuem saberes próprios, constituídos na suas histórias de vida, são elas: Dona Lizinha, Hideíldes, Maria Muniz. E também a partir da minha experiência com o parto tradicional e da roda de conversa. Os relatos apresentados nesta pesquisa demonstram que o parto tradicional está presente no povo Pataxó HãHãHãe, mesmo após a colonização e os procedimentos médicos do ocidente terem chegado as aldeias. A presença do parto tradicional é muito importante porque ela pode contribuir para combater a violência que hoje as mulheres vivem na maioria dos hospitais, provocando depressão pós-parto. Para a índia Pataxó HãHãHãe a gravidez é uma esperança para seu povo permanecer vivo e passar por violência durante o parto, ameaça ainda mais a expectativa de vida porque, deste modo, não se sabe se o seu bebê vai ter uma vida longa ou vai crescer forte.

Palavras chave: Parto Tradicional-Resgate Cultural-Casa-Parteira-Hospital-Violência

Lista de Figura

Figura 1: Dona Lizinha e autora.....	22
Figura 2: Hideildes e autora. Fonte registrada pela autora.....	24
Figura 3: Capeba - Pothomorphe Umbellata	26
Figura 4: Autora, Esmília e Maria Muniz.....	27
Figura 5: Roda de conversa: parto tradicional: ervas medicinais durante a gestação e pós-parto.....	35

SUMÁRIO

RESUMO.....	í í .	08
INTRODUÇÃO.....	í í .	11
OBJETIVO GERAL.....	í í .	15
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	í í ..	15
JUSTIFICATIVA.....	í í	16
METODOLOGIA	í í .	18
ENCONTRO ENTRE SABERES TRADICIONAIS E CIENTÍFICOS: PARTEIRAS E HOSPITAIS		19
A importância das parteiras		22
Minha experiência		29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	í í ..	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	í í ..	39
ANEXO 1.....		40

INTRODUÇÃO

Eu sou Sara Santos Moraes da etnia Pataxó compondo o povo Pataxó HãHãHãe, meu nome indígena é Mangutxá cujo significado é ãEstrelaö, nasci aos 28/09/1976, tenho 42 anos, minha naturalidade é de Ilhéus BA, me criei em Pau Brasil sul da Bahia.

Sou filha do saudoso José Moraes, índio Pataxó e Gildete Santos Moraes também índia Pataxó que é filha de João Emídio dos Santos e Maria José Ferreira Santos, somos quatro irmãos: três homens e eu.

Tenho cinco filhos: Nayara Evely, Yaná Jaqueline, Railan Bekoi, Alan Rainer e Aponãhi Engeus e sou casada com Michael Cardoso de Oliveira, índio Kamakã, uma das etnias que compõe a nossa aldeia.

Moro na Terra Indígena (TI) Caramuru Catarina Paraguaçu há 23 anos.

Minha trajetória escolar foi em escolas públicas desde a educação infantil até a conclusão do ensino médio. Para concluir o ensino Fundamental II eu caminhava duas horas e meia, porque morava em uma região muito distante de Pau Brasil. Já o ensino médio, eu cursei o ãPROGRAMAÇÃOö no Colégio Estadual de Itabuna-BA, um curso oferecido para professores leigos em exercício, que nos habilitam no Magistério Regular. E no ano de 2017, concluí o Magistério Indígena. Também atuo na educação há 27 anos como professora, dos quais 13 anos foram na escola de minha aldeia e hoje estou concluindo o curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas na área de Ciências da Vida e da Natureza na Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O meu território fica localizado na região nordeste brasileiro, no sul da Bahia contendo 54.100 hectares. Suas coberturas vegetais são a Mata Atlântica, a Caatinga e o Cerrado, possuindo os climas subtropical, subtropical úmido e seco. Seu solo é argiloso e arenoso, e a população aproximada é de 4.230 pessoas. A TI Caramuru Catarina Paraguaçu fica localizada nos os municípios de Pau Brasil, Camacan, Itajú do Colônia e Itapetinga

Os primeiros registros da ocupação da terra pelos índios pataxós hã hã hães remonta a 1651. Nesse grande percurso histórico até os dias de hoje, muitas histórias, saberes e tradições foram construídos e passados de geração em geração.

Na busca por entender sobre o povo Pataxó Hãhãhãe e sobre o Território Pataxó Hãhãhãe fiz leituras de diversos textos informativos na internet, quando encontrei uma entrevista no site [Índios online](#), realizada na Aldeia Barra Velha em Porto Seguro Bahia (BA), concedida à Maria Rosário G. Carvalho, que me levou, através do imaginário, ao passado, pois sua escrita coincide com vários relatos que tenho ouvido ao longo da minha vida em comunidade, por vários anciãos, alguns hoje saudosos e outros que ainda vivem.

Essa entrevista diz que a Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguaçu foi criada em 1926 pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), para gozo dos Pataxós e Tupinambás no território que tradicionalmente viviam os Pataxós Hãhãhãe e os Baenã, em seguida vieram os Kamacã, os Gueren e os Kariri-Sapuiyá.

O texto escrito no Projeto do PNGATI (2016) apresentado na aldeia por Tônico é bastante relevante porque o mesmo fez uma pesquisa científica referente aos variados tipos de clima e solo existente em nossa comunidade e percebe-se que o resultado de sua pesquisa confirma o nosso conhecimento tradicional referente às questões climáticas, pois possuímos os climas tropical, subtropical úmido, seco e semiárido proveniente de coberturas vegetais diversificados sendo os biomas da mata Atlântica, da Caatinga e do Cerrado possuindo assim os solos arenoso e argiloso.

De acordo com Tônico e com PNGATI (2016) as diversas maneiras de ocupação do território se devem as grandes estiagens nas regiões mais secas da TI o que fazia com que os índios se mudassem muito para as Serra da Bananeira, Alegrias e Água Vermelha, que ficam nas regiões mais privilegiadas da TI para busca de alimentos como: caças, frutas, peixes e folhas. Nessas regiões da TI Indígena Caramuru o clima e o solo também contribuem para a conservação de plantas medicinais que são utilizadas no preparo de óleos para massagem, purgantes, chás, banhos e rezas na gestação, no parto e pós-parto.

Um olhar sobre estes acontecimentos é fundamental para compreender os desafios e dificuldades imensas que este grupo enfrentou também na dimensão cultural uma vez que tiveram que sair de seu território passando a conviver em cidades e depois de retomarem o seu local de origem e que tiveram que lutar para que seus hábitos e costumes tradicionais não ficassem no passado e voltassem à prática diária sendo fortalecidos a cada dia. Nesse contexto sociocultural o parto tradicional resistiu como uma prática mantida por um grupo pequeno de mulheres que se concentram especificamente na região do Caramuru, longe de uma cidade, é um local de fácil acessibilidade ao plantio de ervas medicinais que ajudam no trabalho com as gestantes e parturientes.

As grandes fazendas que ocuparam o território promoveram um enorme desmatamento, ignorando inúmeras nascentes na implantação das grandes pastagens. Muitos rios secaram e a vazão de todos os atuais existentes contribuiu muito para que as gestantes dessem prioridades aos hospitais nos nascimentos de seus filhos porque a escassez de água no território Caramuru era e continua sendo um agravante na maioria das regiões da aldeia. A própria fisionomia da vegetação adquiriu contornos cada vez mais predominantes de semiárido em boa parte da Terra Indígena, em especial nas regiões de Baheté ao Caramuru. (ÍNDIOS ON LINE, 2018)

Essa pesquisa tem como objetivo abordar os aspectos que constituíram o parto tradicional Pataxó Hahãhãe, que pode ser considerado natural, normal ou humanizado e, ao mesmo tempo, resgatar o hábito cultural de parir em casa, no aconchego da família. Ela pretende compreender, por meio de entrevistas e uma de roda de conversas com as parteiras anciãs e jovens, mulheres mais idosas, os rezadores e rezadoras da comunidade, o porquê das mulheres Hãhãhãe darem prioridade ao nascimento de seus filhos no hospital, em vez de tê-los em suas casas como acontecia no passado e ao mesmo tempo conscientizar da importância de resgatar o parto em casa como prática vivenciada pelas mulheres da aldeia.

Nesse sentido, a pesquisa mostra a importância de resgatar o parto normal realizado nas casas com nossas parteiras, como uma forma de parto natural e humanizado, buscando mostrar ações que demonstrem carinho, afeto, entendimento e muito amor, que é o que a

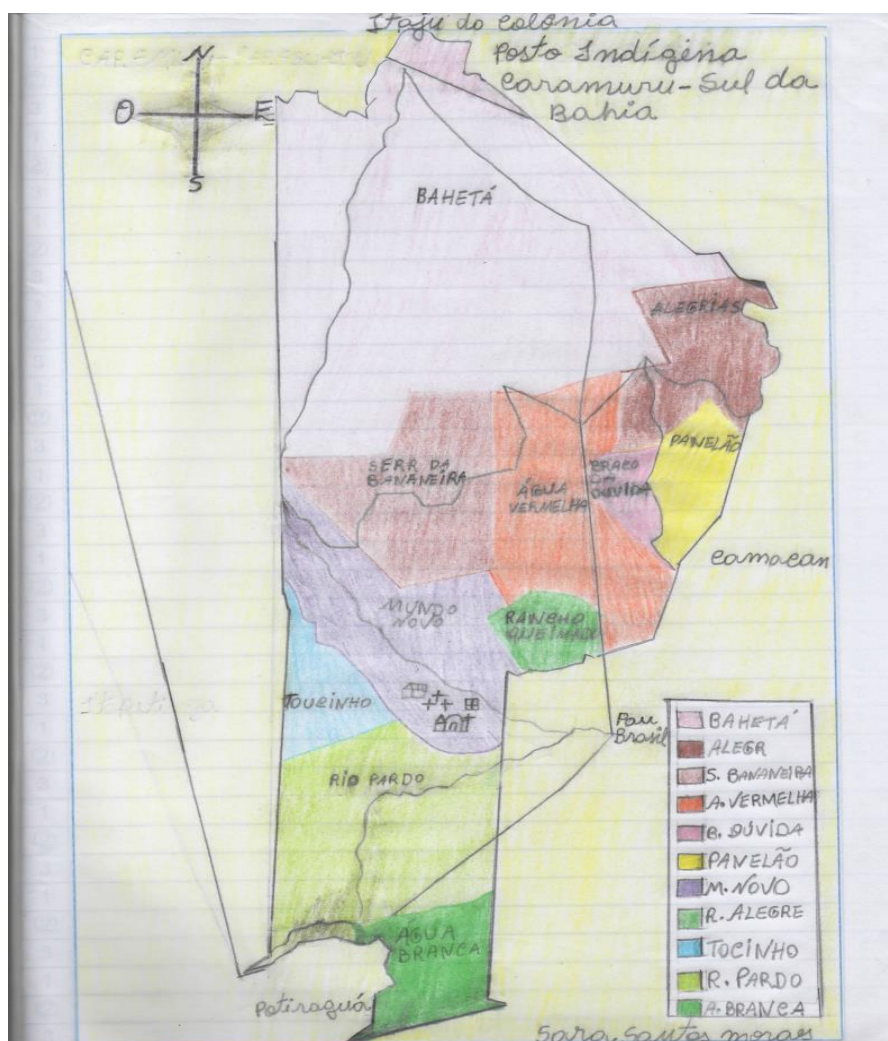
parturiente necessita antes, durante e após o parto e que é oferecido de forma humana e espiritual através de nossas parteiras e do espírito de nossas(os) antepassados, que somente encaminham para uma cesariana se existir risco de morte entre a mãe ou o bebê. Por outro lado, pretende mostrar o parto que se perdeu no mundo da tecnologia e da cesariana, que contém uma violência brutal física e psicológica contra a parturiente e o bebê, deixando-os mais tempo em recuperação, sem falar das doenças que a criança tem ao longo de sua vida por terem nascido de forma prematura no caso das cesáreas ou por muito constrangimento e sofrimento que suas mães sofreram durante o processo do parto.

Nesta busca por respeito às mulheres parturientes indígenas inclui um tratamento humanizado durante e após o parto oferecido apenas em nossa aldeia por nossas parteiras. Dessa forma o momento do parto é um dos mais importantes na vida da mulher Pataxó Hãhãhãe. Ao longo do tempo e nas mais variadas culturas uma vasta gama de crenças e rituais marcam a chegada de uma nova vida ao mundo. Longe das explicações científicas, muitas etnias indígenas ainda preservam nos dias atuais essa cultura contendo um olhar respeitador a concepção, a gestação e o nascimento de um ser humano.

O interesse pelo tema veio de um sonho que me deu a entender que fui uma das pessoas escolhidas para ajudar no resgate cultural do meu povo e no combate à violência contra a parturiente nos hospitais. Só entendi o ocorrido após uma conversa com a senhora Elisa, que em um de seus relatos quando a entrevistei, a mesma afirmou que havia sido escolhida desde seus nove anos de idade e que essa missão era um dom que muitas mulheres desenvolvem cedo e outras mais tarde. Isso me ajudou a compreender o que estava vivendo fiquei tranquila e mais segura a partir daquela conversa, pois temia antes, não ser levada a sério pelo meu povo, pelos meus colegas e pela banca avaliadora ao apresentar o meu percurso. Uma visita à exposição sentidos do nascer foi importante porque abriu um leque sobre como poderia dar seguimento ao meu trabalho, pois esta associação prioriza o conforto não só da parturiente mais do bebê com a participação especial do papai aproximando-se muito de nosso jeito Pataxó Hãhãhãe de trazer ao mundo uma criança mesmo sendo uma clínica ou hospital. Muitas ideias surgiram depois de todas as informações transmitidas através dos panfletos, das palestras e demais informações que

pude absorver nesta visita a oficina Sentidos do Nascer.

Ela se justifica pois o índice de violência contra a parturiente indígena aumenta cada vez mais nos hospitais e as crianças ao nascerem fora do seio da família adoecem com maior facilidade, enquanto as crianças que nascem em casa não estão expostas ao ar condicionado, recebem carinho e atenção de todos os parentes mais próximos e vizinhos fator primordial para serem mais saudáveis fisicamente e psicologicamente. Por fim, ela mostra também os conhecimentos adquiridos por milênios através de nossos antepassados entre parteiras, anciãos e rezadores, que será transmitido por aqui cabendo a nós, da comunidade local, a responsabilidade de colocarmos em prática estes relatos através de ações que reeducam todos, principalmente nossas mulheres a dar prioridade ao parto tradicional trazendo a vivência local o resgate cultural. Registrando assim, todo o acervo de informações desta pesquisa e transformá-lo em um material de apoio à construção do conhecimento tradicional sobre parto natural.



OBJETIVO GERAL

Analisar o saber tradicional Pataxó Hã hã hãe sobre a gestação, o parto e pós-parto, como um saber histórico e cultural.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer e valorizar os saberes sobre a medicina indígena do povo Pataxó Hãhãhãe a respeito da gestação, do parto e o pós-parto e as doenças relacionadas a cada etapa.
- Dialogar com as parteiras, parteiro e rezadores da comunidade como fonte do conhecimento tradicional.
- Discutir o saber tradicional sobre parto e pós-parto do Povo Pataxó Hãhãhãe e as práticas de parir no hospital.

JUSTIFICATIVA

O presente trabalho pretende valorizar o conhecimento dado pelos meus ancestrais através de um sonho, onde eles me deram a missão de resgatar o conhecimento sobre o parto natural em minha comunidade com o objetivo de abordar os aspectos históricos que constitui o saber tradicional, valorizando e resgatando ao mesmo tempo o hábito cultural de parir em casa.

Este trabalho é importante porque é uma oportunidade dos jovens ouvirem relatos de experiências de mulheres gestantes e parteiras sobre a violência silenciosa que sofrem nos hospitais por médicos, enfermeiros e funcionários, que passam por cima do voto que fizeram ao se formarem na área de saúde, deixando de lado sua ética profissional ao maltratarem as parturientes no momento de darem a luz.

Tendo em vista que estes conhecimentos não podem se perder, um diálogo para as parteiras poderem difundir estas informações com a comunidade será imprescindível, pois a valorização do parto em casa será colocada nessa conversa com a visão das parteiras e das mulheres que tiveram seus filhos em casa.

METODOLOGIA

Esta pesquisa será realizada através de ferramentas da pesquisa qualitativa.

Para o primeiro objetivo específico, que é conhecer e valorizar os saberes milenares do povo Pataxó Hãhãhãe sobre a gravidez, o parto e o pós-parto, realizei entrevistas semi-estruturadas com parteiras, mulheres, rezadoras e rezadores sobre a gestação, o parto e pós-parto, registro em fotografia e vídeo das plantas, remédios e rezas utilizadas na gravidez, parto e pós-parto pataxó Hãhãhãe.

Para o segundo objetivo específico, que é dialogar com as parteiras e rezadores da comunidade como fonte do conhecimento tradicional, realizei entrevistas semi-estruturadas com parteiras, mulheres, rezadoras e rezadores sobre a gestação, o parto e pós-parto.

Com as parteiras e rezadores da comunidade para que o tema Parto Tradicional seja discutido e refletido através de relatos de experiências vivenciadas na comunidade durante a gestação e o parto de forma respeitosa, harmoniosa e carinhosa diferentemente da maioria dos hospitais que tratam as parturientes com violência impondo a maneira que se deve proceder ao parto transformando-o em um parto forçado.

E para o terceiro objetivo que é discutir o saber tradicional sobre parto e pós-parto do Povo Pataxó Hãhãhãe e as práticas de parir no hospital realizei uma roda de conversa no Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru do Povo Pataxó Hãhãhãe. Nesta roda registrei relatos e depoimentos de parteiras sobre o respeito ao tempo em que a mulher entra em trabalho de parto no seu momento natural, quando o parto não pode ser feito na comunidade pelas parteiras a parturiente é encaminhada ao hospital e a maneira que se trabalha para desvirar a criança na barriga e colocá-la na posição certa.

Nos espaços de tempo entre a sala de aula e a minha casa eu aproveitei para fazer as outras atividades para a organização da roda de conversa que foram os folders, cartões de lembranças, fichas informativas, convites, entregas dos convites, patrocínios para as camisas e o pirão, a temperada à professora Luzineth. Não posso deixar de relatar a

contribuição do professor Adson nos patrocinando os certificados, os crachás, as pastas e os lápis que foram muito uteis para a organização e a participação das pessoas no evento.

ENCONTRO ENTRE SABERES TRADICIONAIS E CIENTÍFICOS: PARTEIRAS E HOSPITAIS

Para falar de parto tradicional em primeiro lugar não posso deixar de fazer uma pequena abordagem sobre as desocupações forçadas sofridas pelos HãHãHães há décadas atrás. Isso influenciou diretamente no processo de adaptação aos hospitais por parturientes indígenas da minha comunidade deixando o hábito de pari em casa. No retorno para a TI Caramuru um grupo pequeno reavivou a prática de dar a luz em casa. Esse grupo era bem pequeno. Por causa da falta de água e das regiões serem distantes da cidade a maioria das mulheres não aderiu porque tinham medo de dar algum problema na hora do parto e tendo que fazer uma Cesária temiam não dar tempo chegar ao hospital.

No ano de 1982 os HãHãHães sentiram a necessidade de voltar para o território que foram expulsos. Isso não foi fácil. Travou-se uma luta contra os grileiros que tinham posse das terras e contra o governo ACM, o famoso Antônio Carlos Magalhães, que havia distribuído títulos das terras da Aldeia Caramuru para posseiros dizendo ser aquela terra do estado. Na década de 1920, o então Ministério da Guerra, juntamente com o estado da Bahia, delimitou a área indígena de ocupação tradicional e criou uma Reserva de 50 léguas quadradas para o "gozo dos índios tupinambás e pataxó, ou outros que ali são habitantes" pela Lei Estadual 1 916/26.

A partir de 1940, com a expansão da cultura do cacau no sul do estado, o Serviço de Proteção ao Índio promoveu assentamentos para não indígenas dentro da reserva indígena, o que gerou conflitos fundiários entre os índios e os ocupantes. Nas décadas de 1960 e 1970, o governo estadual distribuiu títulos de propriedade aos fazendeiros ocupantes. Os conflitos levaram, à morte, mais de 30 lideranças indígenas que reivindicavam o usufruto da terra.

O Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPI/ITN), parte constituinte do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC), foi um órgão público criado durante o governo do presidente Nilo Peçanha, em 1910, com o objetivo de

prestar assistência à população indígena do Brasil. O serviço foi organizado pelo Marechal Rondon, seu primeiro diretor. O órgão foi extinto e substituído pela Fundação Nacional do Índio (Funai) em 1967.

Em 1988, a Constituição Federal do Brasil de 1988, no seu artigo 231, reconhece o direito dos povos indígenas sobre suas terras tradicionais, sendo esses direitos originários, considerados inalienáveis e imprescritíveis. Ainda em 1982, a Fundação Nacional do Índio entrou com processo pedindo a anulação dos títulos. Em 24 de setembro de 2008, o processo entrou na pauta do Supremo Tribunal Federal, sendo o voto do relator, o ministro Eros Grau, favorável aos índios. O julgamento foi suspenso depois de pedido de vistas pelo ministro Carlos Alberto Direito. Em outubro de 2011, a votação foi novamente adiada, a pedido do governo da Bahia.

Ao longo deste tempo, através de procedimentos estabelecidos para processo de regularização fundiária segundo o Decreto 1.775/96, a Fundação Nacional do Índio já retirou 336 pequenos fazendeiros mediante pagamento de suas benfeitorias. Para dar continuidade a este processo, o órgão aguarda o julgamento da ação ACO31/STF. A partir de janeiro de 2012, os índios passaram a ocupar as áreas dentro da reserva indígena anteriormente demarcada que são atualmente exploradas por fazendeiros não indígenas, como forma de pressão para reaver seu território. Isto gerou tensão na região, que culminou com a morte do indígena José Reis Muniz de Andrade na localidade por omissão de socorro, no dia 23 de fevereiro do corrente ano, devido a bloqueio realizado por pistoleiros. Em 3 de abril de 2012, a ministra Cármen Lúcia entrou com pedido de urgência para votação da ACO 312 no Supremo Tribunal Federal.

No dia 2 de maio de 2012, o Supremo Tribunal Federal considerou nulos os títulos de propriedades de terras concedidas a fazendeiros e agricultores dentro da reserva indígena. O placar final foi de 7 votos favoráveis a 1. O Supremo Tribunal Federal determinou também que a União é que deve decidir como e quando os fazendeiros devem desocupar as fazendas - e se os até então proprietários devem ser indenizados.

Diante desse relato histórico e em conversa com os Caciques Gerson de Souza Melo,

Nailton Muniz e Ilza, eles afirmam que realmente no ano de 1982 os HãHãHães voltaram para o território que foram expulsos. Entre as primeiras famílias a ocuparem o espaço estava a saudosa Maria Joana, que foi a primeira Parteira da comunidade, a Sr^a Eliza, também parteira, e a Sr^a Maria José Muniz de Andrade a primeira Professora indígena da Aldeia Caramuru.

Durante muito tempo as mulheres deram prioridade a terem seus filhos em casa com essas parteiras, mas dona Joana faleceu e depois de alguns anos dona Lizinha adoeceu. Então as mulheres começaram a ir aos hospitais mais próximos da aldeia para os profissionais do Sistema Único de Saúde realizarem seus partos.

O tempo passa e percebe-se que as crianças nascidas nos hospitais não tinham a mesma saúde que os nascidos em casa com as parteiras e a família. Para a índia Pataxó HãHãHãe, a gravidez é um ato de esperança da continuidade do seu povo permanecer vivo, e para isso a criança é formada em seu ventre com muito amor, respeito, carinho e protegida também por cuidados ensinados pelo mais velho para que na hora do parto a criança não sofra e nem sua mãe, por isso é necessário que a hora chegada de dar a luz a família estejam ali junto festejando o nascimento proporcionando a mãe uma alegria em meio às dores e contrações, o que não acontece nos hospitais. Em geral a mulher pobre fica sozinha sentindo-se sem afeto ou companheirismo sendo submissas às imposições da equipe médica. Por esta razão, eu fui incumbida desta missão que é resgatar essa prática na comunidade. Quando há sofrimento ou alegria nossos antepassados estão conosco. E neste caso a intervenção dos antepassados é porque a violência nos hospitais contra as mulheres indígenas é muito grande sem falar das crianças que não têm saúde e das índias com depressão pós-parto.

A partir disso fui a campo achando que a prática do parto em casa não existia mais. Foi aí que encontrei um grupo de mulheres dentro da comunidade trabalhando esta questão e fazendo o curso de parteira, e no caso de Maria Muniz promovendo curso para as mulheres que têm interesse em ser parteira junto a Ong Tidewa e a Associação das Mulheres Indígenas do Caramuru nas regiões da Milagrosa, São Vicente, Caramuru e Ourinho.

Fiquei muito alegre porque vi nessas ações o reencontro com as parteiras, inclusive

segundo o relato de Hideildes e de dona Lizinha, parteiras, elas já fizeram partos dentro da comunidade de mulheres indígenas e não indígenas que as procuram desde o início da gestação e também junto com a médica no hospital a Dr^a Adalfaa Change. Tanto a Doutora quanto a Parteira Hideildes afirma que a mistura entre os saberes tradicionais e científicos foi uma prática bastante positiva e que deveria ser exercida mais vezes ou até mesmo ser admitida pelo Sistema Único de Saúde e seus profissionais melhorando assim o tratamento as parturientes dentro dos postos de saúde e dos hospitais.

A importância das parteiras

O trabalho foi desenvolvido com base nesses encontros e nos relatos que eles geraram, nos quais pude evidenciar as práticas tradicionais de parto como também as dificuldades diante do parto no contexto hospitalar.

Dona Lizinha

Iniciei o trabalho fazendo a primeira entrevista com a anciã Eliza Maria dos Anjos da etnia Kamakã, conhecida como Dona Lizinha, nascida em 12/06/1926, que tinha 93 anos na data da entrevista. Tivemos uma conversa excelente sobre as várias experiências adquiridas durante a sua trajetória como parteira: uma vida dedicada a trazer ao mundo com muito amor, carinho e respeito outras vidas, "pois nasci com esse dom e essa missão" disse dona Lizinha com muita precisão.



Figura 1: Dona Lizinha e autora. Fonte: foto registrada pela autora

Dona Lizinha se dedicou a aprender desde nova o ofício de parteira e em sua prática sempre buscou respeitar as parturientes ao trazer a cultura e os cuidados tradicionais do povo Pataxó Hã Hã Hãe.

õ Com 16 anos comecei a ajudar outras parteiras velhas a pegar menino e com 30 anos eu era parteira profissional porque aprendi rápido o ofício da profissão. Nunca tive dificuldade e o parto mais difícil que eu fiz foi de um menino que estava sentado. Para ele nascer eu dei massagem, rezei, fui fazendo ele virar até ficar encaixado e dei três balanços na muié grávida... a dor veio e a criança nasceu pelos pés mas nunca cobrei para fazer nenhum parto e olha que já fiz mais de 100... sempre foi caridade." (Dona Lizinha, 2019)

Dona Lizinha também conta como eram importantes os remédios para o cuidado com as mulheres durante o trabalho de parto:

"Existe vários remédios caseiros que faço com folha de mato que sempre me ajuda a levar segurança as muié na hora de pari: são as folhas de poejo, alevante, trançagem, capeba e losna. Esses matos eu faço massagem misturo no azeite doce e no óleo de amêndoa, coloco para esquentar deixando morno em seguida é só massagear a barriga, faço banho coloco um caldeirão cheio de água e com bastante folha de mentrasto ou capeba deixo cozinhar bastante e em seguida coloco para esfriar e dou o banho". (Dona Lizinha, 2018)

Ela também fala dos cuidados que as mulheres precisam ter, para não atrapalhar o trabalho de parto e também o seu trabalho.

" muié tem que ter cuidado porque tem coisas que se ela fizer atrasa o parto como, por exemplo, passar embaixo de arame, cabresto, rédea de animal, saltar fezes de animal, raspar o resto de mingau para comer, arroz ou qualquer outra comida na panela, doenças do vento. (Dona Lizinha, 2019)

E ainda o cuidado que as pessoas precisam ter caso alguém tente atrapalhar o trabalho de parto ou caso aconteça algum acidente como uma hemorragia.

"(...)ou outra pessoa para fazer o mal podendo matar a muié amarra o parto através de feitiços. Também pode ocorrer risco de aborto se isso acontecer é só lavar o cano de uma espingarda e dá a

água para a muié beber. Se a muié tiver hemorragia é só pisar uma casa de marimondo de parede colocar na água e dar a mulher para beber por isso é importante ter parteira na comunidade e também porque médico está difícil e as parteiras com sua sabedoria ajudam aos médicos, uma vez eu ajudei um médico e foi muito bom porque trocamos experiências (Dona Lizinha, 2019).

Hideildes

Dando seguimento à pesquisa fui, a região do Toicinho no Caramuru entrevistar Hideildes, que é parteira, Agente Indígena de Saúde e Técnica em Enfermagem. Hideildes Santos Fernandes, da etnia Kiriri Sapuiá, nascida aos 30/03/1979, tinha 39 anos no período da entrevista e afirma ter começado a pegar criança com a idade de 18 anos.



Figura 2: Hideildes e autora. Fonte registrada pela autora.

Antes de iniciar a entrevista, cantamos este tohé:

"Tohé

Da licença povo meu

Prá eu entrar no terreiro dos praiás (bis)

Onde canta o Caciques, o Pajés e o Capitão

Andaruê, Andaruá

Andaruêêêêê, Andaruê, Andaruê, Andaruá (bis)"

Depois rezamos e, como a tradição de nossos anciãos, escolhemos uma árvore e fomos para baixo dela dando início a nossa conversa sobre o segredo para tornar-se parteira. Como dona Lizinha falou Hideildes também reafirma que tudo se inicia com o dom mas õprecisa-se muito de ter o Encantado para ajudar a evoluir nas comunidades de acordo com cada cultura e ciência pois este trabalho não é fácil, porque o parto é uma caixa de surpresaõ, disse ela.

õEm todos os partos que a gente trabalha queremos que tudo corra bem, mas às vezes acontecem imprevistos e temos que pedir sabedoria a Deus para resolver aquela situação. E a gestante que a gente trabalha com segurança é aquela que trabalhamos desde o início da gravidez porque aí se prepara em medicamento e oração, sem acompanhamento fazemos...porque Deus é pai e nos dá coragem e sabedoria, mas às vezes é bem mais difícil. Quando isso acontece, rezamos, pois a oração é muito importante porque ajuda a criança a procurar a posição certa, só que não pode errar a oração de maneira alguma, se não dáerrado e pode complicar o parto. Por isso me preparo levantando de manhã,peço licença aos meus Guias de Luz e acendo uma vela branca em preparação. Em seguida rezo a oração de Nossa Senhora do Monte Serrat.õ (Hideildes, 2018)

A oração que ela diz está descrita abaixo:

ORAÇÃO A NOSSA SENHORA DO MONTE SERRAT

Ó clementíssima Virgem Maria, minha Soberana e Mãe, Augusta Senhora do Monte Serrat, venho lançar-me no seio da vossa misericórdia e ponho, desde agora e para sempre, a minha alma e o meu corpo debaixo da vossa salve-guarda e da vossa bendita proteção. Confio-vos e entrego nas vossas mãos todas as minhas esperanças e condições, todas as minhas penas e misérias, bem como o curso e o fim da minha vida, para que, por vossa intercessão e vossos merecimentos, todas as minhas ações se dirijam e se disponham segundo a vontade de vosso divino Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, e que minha alma depois desta vida possa alcançar a salvação eterna. Ó Mãe, concebida sem pecado rogai por nós que recorremos a vós. Nossa Senhora do Monte Serrat, rogai por nós. Amém.

Ela também conta o que acontece após a reza:

oAo terminar me sinto segura para iniciar a peleja e me dirijo à casa da parturiente que está a minha espera para fazer o parto. Há pouco tempo, eu fiz um parto com a Doutora Adalfa Shang ex-médica do Programa Mais Médicos e hoje ela atua no Hospital Arlete Magalhães de Pau Brasil. Foi de uma índia que eu acompanhei a gestação, mas era o seu primeiro filho, nas orações que fiz eu percebi que a criança estava laçada, era o caso que eu estava contando a pouco e a levei para o hospital, mas quando chegamos lá à doutora disse que eu poderia ficar e ajudar a fazer o parto e eu disse a ela que eu ficaria se ela me deixasse fazer o meu ritual. Então a doutora permitiu, eu fiquei e fizemos o parto juntas, foi difícil, lindo e emocionante. Inicio o meu trabalho rezando, ao fazer as massagens com o óleo de amêndoas na barriga, pedindo ao sol, a lua, a natureza, o pai nosso, a ave Maria e Santa Maria. Tenho um cordão de oração que tem a oração nele toda escrita e quando terminamos não podemos deixar o cordão em cima da cama de forma alguma. Uso também folha da capeba, flor do mamão macho, folha da cana fita e a õtransagemõ (tanchagem), com essas ervas medicinais faço banhos que ajudam o nenê descer. Se percebo alguma atrapalhação na hora do parto, encho um caldeirão com água, quebro folhas de aroeira, ou mandioca dentro da água, esfregando bem nas mãos até sair o sumo e dou o banho. Após o parto, para a mulher não sangrar muito, faço um sumo de erva-cidreira e dou para beber pois, a cidreira é contra hemorragia. Em seguida recomendo para uma boa cicatrização o chá da transagem, da casca da aroeira roxa e da folha do algodão. A alimentação será bem leve, pirão de galinha caipira nos primeiros dias e a família comemora a chegada do bebê tomando temperada, uma bebida feita da cachaça, misturada à hortelã miúda ou à erva-doce, comendo do pirão feito para a parida e carne de caça assada. Tem mais uma coisinha: a mulher deve tomar banho de asseio feito com a folha do caju: é só pegar 7 folhas de caju, cozinhar bem em 1 litro de água, deixar esfriar um pouco, coar e lavar a vagina, fazendo isso ela vai ficar com a vagina apertada parecendo uma menina, só tem que ter cuidado para não engravidar logo após sair do resguardo (risos).õ (Hideildes, 2018).

Figura 3: Capeba - *Pothomorphe Umbellata*. (Fonte: desenhos da autora, 2019; e foto <http://evesalgado.blogspot.com/2009/03/pariparoba.html>, 2018)



Logo após este relato, Hideildes se lembrou de um parto muito difícil que fez e começou a descrever dizendo que mesmo tendo acompanhado a gestação de Jamile, o bebê estava laçado ou ôcircular de cordãoö, como é conhecido este tipo de parto nos hospitais, mas deu tudo certo. Por isso é importante ter parteiras na aldeia, porque o órgão da Saúde indígena no Brasil está cada vez mais precário e por ser também nossa cultura. Não devemos deixar a prática tradicional esquecida se não a cultura morre e temos que andar em parceria com a Saúde não índia.

Maiá - Maria Muniz

Outra entrevista realizada foi com Maria José Muniz de Andrade, primeira professora do nosso Povo Pataxó Hãhãhãe, hoje lotada na FUNAI, parteira, nascida aos 14/06/1952, tendo no dia da entrevista, 66 anos de idade. Além de ter dedicado a sua vida a escola de nossa comunidade, Maiá, como é conhecida na aldeia, é uma guerreira no resgate cultural mostrando sempre para o povo que povo sem cultura é um povo morto e que é a cultura que nos mantém vivos e que para termos cultura temos que garantir o nosso território.



Figura 4: Autora, Esmília e Maria Muniz. Fonte: registrada pela autora.

Hoje Maria Muniz é parteira também e faz remédios caseiros como sumos, vinhos, garrafadas, chás, purgantes e banhos. Esses remédios curam vários tipos de doenças e

ajudam também na hora do parto, pós-parto e na recuperação do organismo da mulher ajudando ao útero e o canal da vagina a voltar ao seu tamanho normal, eliminando todo processo inflamatório existente no aparelho reprodutor da mulher. Os remédios funcionam desde que seja feito seguindo a tradição, enterrando o remédio se preciso for e orientando-se também através das fases da lua, pois até para o nascimento da criança e para sabermos seu sexo a lua tem sua influência já que os meninos sempre nascem na força (passagem) da lua minguante ou crescente enquanto as meninas nascem na força (passagem) da lua cheia e da lua nova.

Em sua fala sobre Violência Obstétrica, Maria Muniz diz que já ouviu médicos e enfermeiras dizerem: ã- Na hora de õfazerö, você não gritava; mas agora na hora de öterö, você fica gritando. Se você ficar chorando e gritando, eu não vou vim aqui tão cedo porque tenho outras pacientes para cuidar não tenho só vocêö.

Sabemos que os médicos e os enfermeiras ganham bem para fazer este trabalho e que eles se profissionalizaram para trazer uma criança ao mundo, então deveriam respeitar a sua profissão tratando mãe e bebê com carinho, respeito e atenção, pois fizeram um juramento que iriam atender e respeitar as pessoas sendo de classe rica, média, pobre ou proletariados, e todos devem ser tratados de forma igual, mas muitas vezes eles ignoram completamente o voto que fizeram a profissão. Eles deveriam considerar que naquele momento a parturiente está passando por muitas dores, sentindo-se frágil, precisando de apoio, de um ombro amigo porque os pensamentos às vezes é que a morte está chegando, de tanta força que fazem para botar uma criança no mundo e ainda têm que passar por todo esse constrangimento, que transforma um momento que era para ser mágico, de muita felicidade, em um sentimento de vergonha levando a parturiente a uma depressão pós-parto.

No Brasil, uma entre quatro mulheres sofrem violência na hora do parto.

Livro pelas mulheres indígenas.

Temos que denunciar a violência obstétrica porque é um crime silencioso e muitas mulheres passam por isso sem saber que estão sendo vítimas de um crime que pode ocorrer durante a gestação, parto ou pós-parto. Por isso aconselho sempre nossas mulheres

gestantes a pari em casa porque temos parteiras sábias que conduzem esse momento no melhor momento da vida de uma mulher. Dizemos sempre para ela que Nossa Senhora do Parto passa a mão dela na cabeça da mulher quando termina de pari, fazendo-a esquecer de todas as dores do parto e que aquela dor é um processo para expelir a criança e é normal. Ao terminar o parto a mulher se recupera rápido física e psicologicamente e ambos, mãe e filho, ficam saudáveis.

Minha experiência

O primeiro contato que tive com as parteiras foi há 19 anos quando Hideildes pariu o seu segundo filho cujo nome é Rayomã, até então nós éramos amigas mas eu não sabia que Mocinha, sua mãe, era parteira e pude vivenciar naquela tarde a emoção de esperar pelo nascimento daquela criança em sua própria casa. Foi muito lindo! E aconteceu bem depressa, sem nenhum problema e com muita calma da parteira e da gestante. E, para mim, o melhor de tudo foi que Hideildes me chamou e pediu que eu avisasse a mãe dela que ela estava com dor e ela não falou com mais ninguém. Na época nós morávamos na região da aldeia chamada Mundo Novo, na avenida Milagrosa e não houve gritos, nem choro, a criança nasceu e para os moradores ali foi uma linda surpresa que teve como testemunhas eu, a parteira, a mãe e o marido da parteira, que estava sabendo mais ficou aguardando a notícia do nascimento na casa dele. Foi naquela época que comecei a perceber a preparação dos banhos, a massagem, a reza e o cuidado com o resguardo. Este cuidado é principalmente com o que se come e também com o fazer sexo, o que chamamos de resguardo de cama e a mulher, ao parir normal, ela mesma cuida de seu filho após algumas horas depois do parto se por um acaso houver necessidade.

Hoje o contato mais forte com a questão do parto se deu pela pesquisa, que têm me proporcionado vivências diretas com parteiras, e também pela situação de vida e que me abençoou com duas gestações na minha família: uma delas da minha nora Greiciane, no início das investigações sobre este tema, no meio do curso, a gestação da minha filha Nayara e, na fase final do percurso, da minha concunhada Laisa. Posso dizer com muita propriedade que passei por um aprendizado que jamais pensei um dia que fosse possível porque nem a leitura dos melhores livros em obstetrícia iria ampliar o meu conhecimento

como nas experiências do dia a dia com estas três gestantes, desde o início da gravidez, com os enjoos, até o final com as dores, contrações e a dilatação. Em cada fase da gestação elas vinham me pedir ajuda dizendo: ã_Ô Dona Sara, eu tô enjoadaö. No caso de Greice e eu ensinei para ela: ã- Olha Greice, manda Railan pegar um pássaro preto, tratar, lavar direitinho e colocar nas brasas no fogão a lenha para assar sem sal e sem tempero nenhum que você vai sarar do entojö. Ela fez e rapidinho parou de enjoar. Tempos depois Nayara chegou me perguntando: ã_ Mainha o que eu faço para desinchar meu pés?ö Eu respondi: ã_Vai fazer uma consulta com dona Lizinha ou com Maria Munizö. Ela disse: ã-Estou cansada.ö Então eu mesma fui e perguntei a dona Lizinha e ela mandou eu pegar folhas de desinchadeira, colocar para cozinhar, deixar ficar morno e em seguida banhar os pés. E depois Laisa estava ansiosa pensando que era a hora do bebê nascer porque estava sentindo muitas dores, daí ela foi me procurar para tirar dúvidas eu a aconselhei e fiz massagens, o que a deixou relaxada e fez com que as dores parassem, porque ainda não era a hora do bebê nascer.

O mais interessante foi que Greice queria uma menina, Nayara um menino e Laisa também queria um menino, as três me falaram rapidamente certo dia, antes de engravidar, quando eu contei para elas uma experiência que vivi com meu avô João Emídio e com minhas filhas. Um dia que eu estava penteando o cabelo de uma das minhas filhas e a outra também estava esperando para ser penteada, eu estava sentada com elas e o meu avô olhando, foi aí que perguntei: ã-O que é vozinho?ö Ele disse: ãOlha, você já têm duas meninas muié e agora vou te ensinar a fazer os meninos homeö. Eu disse: ã- Oxente, eu não quero filho mais nãoö. E ele falou: ã- Você ainda vai ter mais três, e serão todos home, é só você na hora, chegar aos finalmente de boca fechada.ö. É, foi engraçado mais eu não dei risada não porque ele poderia não gostar. De fato, eu casei outra vez e sempre me lembrava daquela conversa e realmente vieram mais três filhos homens. Neste dia, Greice sorriu dizendo: ã- Esta minha sogra, sei não!ö E Nayara falou: ã- Essa mainha é ousada viu!ö e Laisa caiu na risada... O tempo passou e Greice teve uma linda menina e colocou o nome de Natsory Evelyn que, como é muito complicado, eu chamo de Morien, Nayara teve um lindo menino que se chama Théo e Laisa também um belo menino que tem o nome de João. Logo em seguida eu as perguntei: ã_Vocês seguiram as recomendações de meu avô?ö Elas sorriam e

admitiram que sim.

No passado não muito distante, depois que eu tive meu terceiro filho, tive complicações no útero e a minha menstruação não parava. Foram dois meses de sofrimento e então fui ao médico que passou vários exames que, ao abrir, fizeram o médico concluir que eu teria que retirar o meu útero. Ao chegar em casa comuniquei a minha família e a minha ex-sogra Maria Muniz, disse: ã _Que nada, você não vai tirar nada do seu corpo, eu vou fazer um remédio e você vai sarar.ö. Naquele mesmo dia, Maria Muniz pediu ao meu ex-esposo para retirar a casca do Jatobá e ela preparou o vinho, enterrou por duas luas e depois desenterrou e mandou que eu bebesse um copo por dia durante sete dias mas eu, com medo de fazer a cirurgia, enquanto tinha remédio eu bebia e acabei tomando os quatro litros do Jatobá. Passado alguns dias Maria perguntou onde estava o remédio e eu respondi que havia tomado tudo Maria o que deixou ela brava: ã _ Você tomou tudo, meu Deus! É... se até hoje não fez mal então é porque você está curada, amanhã você vai ao médico novamente.ö. Quando eu cheguei no consultório o médico perguntou: ã_ Veio marcar a cirurgia Dona Sara?ö. E eu respondi que não e disse que eu queria fazer novos exames. Ele pediu os exames, eu fiz e quando recebi o resultado levei para ele avaliar. Quando ele leu o resultado ficou surpreso e me perguntou: ã- A senhora fez o quê para seu útero estar do tamanho do útero de uma menina de nove anos?ö E eu respondi: ã- A minha sogra me deu um remédioö. E ele disse: ã_- Pode voltar para casa, seus exames afirmam que está tudo perfeito em você.ö

Os casos contados, além de nos descontraírem, contribuem para uma reflexão sobre o saber tradicional. As pessoas hoje não querem parar para ouvir os ensinamentos dos mais velhos e muitos acham que é superstição, mas eu vivo estas experiências ensinadas pelos meus avós, pelo meu pai, pela minha mãe, pela minha ex-sogra e pela minha atual sogra porque isso me fortalece enquanto pessoa e o povo a quem pertenço e represento. Por isso não tenho vergonha de ensinar para os meus filhos aquilo que me foi passado, pois estes saberes advindos dos nossos antepassados estão conosco e permanecerão, de geração em geração. E para isso a prática do parto tradicional tem que ser fortalecida, não só através das parteiras, mas as indígenas têm que voltar a ter seus bebês em casa, longe de todo e qualquer tipo de

violência exercida nos hospitais, permitindo ao seu filho o direito a um nascimento com todo ritual e espiritualidade que um Guerreiro ou Guerreira HãHãHãe têm.

O ruim de a criança nascer no hospital são as doenças depois como: as consequências pulmonares, insuficiências respiratórias devido o ar condicionado que causa o choque térmico e convulsões: é o que chamamos de õpassou o ventoö. Em casa a saúde é melhor porque não temos ar condicionado, usamos o óleo de rícino, marnona ou o óleo natural de soja e com sete dias certinhos o umbigo cai. Já no hospital eles usam no umbigo o álcool 70, isso causa infecções e incomoda a criança porque o álcool é gelado e incomoda bastante a criança.

Ao saber do tema da minha pesquisa, a gestante Nayara Evely Moraes Silva, minha filha primogênita, nascida aos 26/07/1995, ficou bastante entusiasmada e me convidou a acompanhá-la em uma das suas consultas do pré-natal, não só como avó mais principalmente como Profissional Tradicional de Saúde indígena. Foi muito emocionante ver um trabalho que estava começando ser respeitado e por minha filha, é simplesmente maravilhoso. Nossa! Tive certeza naquele momento da responsabilidade que estava em nossas mãos, pois este trabalho não estou fazendo só. O mérito também é para minha avó, minha orientadora professora Érica Dumont e co-orientadora Luz Alba, já que tenho certeza que as três se sentirão felizes e honradas.

Aceitei o convite, fomos à primeira consulta, Nayara junto à enfermeira Dani fizeram-me o convite para estar na segunda consulta e aceitei com muito prazer. Nesta consulta, Nayara estava com 16 semanas e 5 dias. O ultrassom mostrou que a criança estava sentada mas eu participei da consulta falando a mamãe que ficou apreensiva, que o bebê mudaria muitas vezes de posição, porque ainda faltava muito tempo para o término da gestação e que daria tudo certo. Ela se acalmou e Dani prosseguiu aferindo sua pressão arterial, que estava de 100/60 e sua barriga que estava com 18 cm. Então Nayara disse que estava com formigamento nas mãos e nos pés e com dores no pé da barriga, percebemos então que os seus pés já estavam inchados foi aí que Dane pediu para que eu a aconselhasse a partir da tradição e eu pedi para ela ir na casa de Maria Muniz ou dona Lizinha para elas passarem

alguns remédios caseiros.

Roda de conversa

Dando segmento, além de fazer as entrevistas que dariam suporte a esta pesquisa levei a proposta da roda de conversa à gestão do Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru, representada nas pessoas de Edenísia Pereira dos Santos, Wendeuslelei Alves dos Santos e Ivanilda Pereira dos Santo. Ambos aprovaram, apoiaram a iniciativa e pediram para que o referido projeto fosse lido e explicado no planejamento pedagógico, para que todos os professores e professoras conhecessem o trabalho podendo apoiar ou não a ideia. Após, ter cumprido todos os requisitos exigido pela gestão escolar, todos os docentes gostaram e sugeriram que a roda de conversa fosse um tema das oficinas na semana cultural de abril que seria dos dias 15 a 19 de abril de 2018 cujo tema seria "Resgatando a cultura do povo Pataxó Hãhãhãeö, uma vez que a escola é uma referência no marco cultural da comunidade. Foi surpreendente e gratificante ter a aceitação de todos e todas ao projeto!

Dias depois a professora Luzineth Muniz Pataxó propôs juntar a turma do terceiro ano do ensino médio do turno vespertino que a mesma iria trabalhar, a minha turma seria a EJA estágio V do turno noturno. O professor Hádison também me procurou para se juntar a nós. Fiquei encantada! Aceitei o proposto e formamos um grupo de trabalho muito bom. Demos início ao planejamento resolvendo então que eu trabalharia o conteúdo "Reprodução Humana", na área de Ciência, Luzineth iria trabalhar com o tema "Ervas Medicinais" Adison faria os convites, os crachás e os certificados. E o produto final seria a exposição das plantas utilizadas como remédios na gestação, no parto e no pós-parto, dos trabalhos realizados com os alunos em classe, palestra com as parteiras e com os rezadores e a finalização da oficina seria com a degustação de um pirão de galinha caipira, comida típica da mulher parida durante o resguardo e de uma deliciosa temperada, bebida típica feita para comemoração da chegada da criança e por ter dado tudo certo para a mãe e para o filho.

Ao expor o tema para os alunos percebi que aquele assunto era novidade porque eles começaram a rir muito e eu também embarquei na onda de risos e Samuel reagiu dizendo

até a professora está rindo com agente e aquilo foi mais engraçado ainda, daí Lucas perguntou: - "Por que a senhora está dando risadas?" E eu para não deixá-los sem graça disse que realmente os nomes científicos do aparelho reprodutor masculino e feminino eram diferentes dos apelidos que estamos acostumados e eles sorriram mais ainda. De repente Rogiele ainda sorrindo perguntou: "A senhora não tem vergonha de falar disso não?" E todos riram mais ainda. Foi aí que Wexlei tomou a frente e falou que se eles não me deixassem explicar ninguém iria compreender o que eu estava falando, todos pararam e fizeram silêncio total. Então eu fiz a leitura do texto e fui dialogar com a turma e passaram a entender que os órgãos genitais masculinos e femininos têm suas funções e como exercícios, pedi para que eles se dividissem em grupos e desenhassem os aparelhos reprodutores, os gametas e os óvulos.

No momento seguinte, eu retomei o tema abordando alguns questionamentos referentes à participação da mulher nos saberes tradicionais da comunidade. Essa ação foi relevante houve envolvimento de todos os alunos nas perguntas e respostas principalmente quando eu levantei a questão do parto tradicional. Nesse momento, Maria que é mãe de dois filhos relembrou em classe todo sofrimento que ela havia passado no hospital, porque a enfermeira a reclamou dizendo que ela estava abusando com os gritos, aquele depoimento chocou toda turma. Foi então que Rian disse: "a professora é danada ensinou primeiro como faz a criança e agora nos mostra a melhor forma de uma criança vim ao mundo." Fiquei arrepiada, porque a turma entendeu maravilhosamente bem os temas.

Fomos para a outra atividade e novamente pedir a turma que se dividissem em grupos e desta vez, que eles desenhassem as várias posições de parir e após terminarem socializarem o porquê do grupo escolher determinada posição.

No momento seguinte abordei o tema "As fases da Lua" e usei como conteúdo a apostila de astronomia da aula do Professor Juarez do capítulo 1 das páginas 161 e 162, conseguir realizar junto com os alunos a atividade de observação da Lua e suas influências na comunidade principalmente na questão do nascimento das crianças e sobre o sexo ao nascer em determinada força de Lua. Foi incrível! Os alunos levaram a atividade para a casa e entrevistaram seus avós e confirmaram que realmente a Lua tem grande influência na forma

de viver do povo Pataxó HãHãHãe além de influenciar no nascimento e no sexo há uma grande influência na plantação.

Apreendi muito com esses encontros e pude colher um material riquíssimo para o meu percurso porque o nosso calendário é solar, ou seja, baseado no tempo que a Terra leva para dar uma volta completa em torno do sol, aproximadamente 365 dias, durante este traslado a Lua dá uma volta em torno da Terra em 29 dias e a medida que a Lua percorre sua órbita nós a vemos mudar de forma a isso chamamos de Fases da Lua, mas o que mais me chamou a atenção em todas as falas dos meus alunos foi o respeito que as pessoas da comunidade têm pela Lua a ponto de se referir a Lua como mãe ou avó.

O tempo passou e o grande dia chegou foi excelente, pois houve troca de experiências entre parteiras, rezador, mulheres anciãs e jovens, lideranças, professores e alunos da escola local e demais escolas do município de Itabuna BA que nos visitaram. Todo o evento foi filmado desde a fala das parteiras à degustação do pirão.



Figura 5: Roda de conversa: parto tradicional: ervas medicinais durante a gestação e pós-parto. Fonte: registrada pela autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema que tinha em mente para o meu percurso ao ingressar na UFMG era voltado para as questões dos diversos tipos de solo existente na TI Caramuru, mas um sonho que tive com minha avó mudou completamente o rumo da minha pesquisa e, após ter relutado, decidir abraçar a missão a mim confiada.

Dias depois estava completamente envolvida e fascinada pelo tema proposto por meus antepassados. Embora o tema Parto Tradicional estivesse fora do meu contexto diário, porque desde meus 14 anos tenho me dedicado a profissão de educadora, permitir-me então esse novo desafio vivenciando uma questão importantíssima para meu povo na saúde tradicional.

Os dados apresentados nesta pesquisa demonstram que a cultura do parto tradicional está presente no povo Pataxó HãHãHãe ao contrário do que eu pensei, pois ao se falar em resgate cultural a impressão que se tem é que determinado hábito ou costume não está sendo praticado mas ao analisar todas as atividades que foram desenvolvidas durante este percurso pude perceber este equívoco, desde a primeira entrevista com a Sr.^a M^a Elisa, quando em sua fala afirmou que existia um grupo pequeno de parteiras e de mulheres que tiveram seus filhos em casa nos dias atuais mais no passado, no retorno do HãHãHães para o Caramuru a prioridade do parto era em casa.

Percebe-se também que o abandono dessa prática por muitas mulheres se deu por que as regiões são distantes uma das outras, pela falta de água na maior parte do território e pelo processo de expulsão dos índios Pataxó HãHãHãe da TI Caramuru, um verdadeiro massacre colonizador na história desse povo ao serem escravizados, torturados e muitos dizimados. Em consequência foram retiradas de muitas famílias o direito de ter seus filhos em casa, porque a forma humilde de habitar e conviver no dia a dia é considerado como imundície ou falta de higiene para os órgãos públicos, que esterilizam tudo para não se contrair bactérias esquecendo-se que ao nascer em meio a esses microrganismo o corpo humano cria imunidade e com o discurso sobre õhigieneõ os profissionais da saúde conseguiram levar esses partos para os hospitais, porque quanto mais mulheres para parir, mais recurso financeiro entra nessas maternidades e daí em vez de tratarem bem essas

pacientes a maioria das equipes médicas as tratam com violência.

Além disso muitas crianças adoecem com mais facilidade do que as outras nascidas em casa, isso se dá pelo fato do ar condicionado ligado fortíssimo para combater as bactérias no hospital causando alergias e cólicas nos bebês conhecida na comunidade pataxó HãHãHãe como a doença ãexpremedeiraõ.

Posto isso, os antepassados que espiritualmente nos acompanham e nos protegem, advertiram-me através de um sonho incumbindo-me desta missão de resgatar a confiança nas parteiras de nossa comunidade, porque a prática não foi extinta: ela existe as parteiras estão lá mais a prioridade aos hospitais é muito grande.

Para realização desta tarefa tive o apoio incondicional da gestão do Colégio Estadual da Aldeia Indígena Caramuru para a realização da roda de conversa em especial dos meus colegas Hádisson e Luzineth Muniz também dos nossos alunos do EJA-V e do 3ºAno do Ensino Médio 2018. na roda de conversa houve o encontro de muitas parteiras, anciãs, alunos, professor, alunos visitantes e toda a comunidade local. Contudo havia cumprido todos os objetivos propostos como requisitos deste projeto, além disso, conseguimos envolver a comunidade nas palestras exercidas pelas parteiras conscientizando-os sobre a importância de parir em casa. Nessa oportunidade foram expostos também fotos, desenhos, cartazes com imagens reflexivas sobre as posições de pari, algumas doenças durante a gravidez, a participação do companheiro durante e depois da gestação, a apresentação de ervas medicinais utilizadas no parto e pós-parto, da temperada uma bebida feita com ervas e cachaça para tomar em comemoração ao nascimento e encerramos a roda de conversa degustando um pirão de galinha a refeição da mulher depois de parida.

Uma pesquisa como esta oferece várias oportunidades interdisciplinares de aprendizagem não só tradicional mas intelectual e acima de tudo humana, pois é muito emocionante conhecer o passado para entender o presente, podendo se preparar para o futuro conservando o que há de melhor em um ser humano os seus valores, a sua cultura, podendo ser quem você é sem deixar de ser Pataxó HãHãHãe e trazendo para sua realidade a sabedoria da ancestralidade e espiritualidade num ritual de nascer com a força do território e da mãe lua.

Diante disso sinto uma imensa satisfação de encerrar este trabalho homenageando aos antepassados por estarem sempre conosco nos protegendo do extermínio e de tantos outros perigos e as mulheres parteiras pertencentes ao meu povo Pataxó HãHãHãe e todas as outras comunidades tradicionais por tamanho empenho e dedicação, pois enquanto uma parteira não cobra por suas atividades e as fazem por dom, amor, carinho e dedicação amando e honrando sua profissão os chamados de òdoutores e profissionais de saúdeõ recebem para realizarem esta atividade e usa em sua maioria ou em alguns casos de vários tipos de violência com as parturientes.

Trago as minhas sinceras homenagens também aos poucos profissionais que fazem a diferença honrando sua profissão tratando com respeito não só as parturientes mas todo tipo de paciente de qualquer raça, cor ou classe social. Seria muito interessante continuar estudando este tema em uma pesquisa de mestrado porque há muito ainda a ser explorado quando em uma ultrassonografia mostra uma criança sentada os obstetras aconselham uma cesariana mas a parteira tem o segredo para a realização deste parto de forma natural, isso me chamou muito a atenção e me instigou a querer continuar esta pesquisa uma vez que estaria capacitando-me no ofício de parteira.

O melhor de todo este percurso não foi apenas ter alcançado os objetivos aqui requisitados mas poder fechar os olhos e rever nos reflexos de imagens o sorriso no rosto de cada pessoa que contribuiu para a realização deste trabalho não há dinheiro que pague fazer parte desta felicidade. Encerro deixando minha gratidão a professora Dra. Erica por ter escolhido o meu tema para orientar e por acreditar que eu conseguiria realizar esta tarefa designada pela minha avó.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Maria; SOUZA, Ana; SOUZA, Jurema; PEDREIRA, Hugo. Mapeando parentes: identidade, memória, território e parentesco na Terra Indígena Caramuru-Paraguassu. Salvador: UFBA, 2012.

ÍNDIOS ON LINE. Disponível em: <http://indiosonline.org.br>. Acesso em: 2018.

Joana Brandão Tavares, Potyra Tê Tupinambá e Sebastián Gerlic. *Pelas mulheres indígenas*. ONG Thydêwá, 2015.

ONG Thydêwá. Disponível em: <https://www.thydewa.org/livros1/memoria/pataxo-hahaha/>. Acesso em: 2017 e 2018.

PNGATI. Disponível em: <http://cggamgati.funai.gov.br/index.php/experiencias-em-gestao/terra-indigena-ca/>. Acesso em: 2016.

ANEXO 1

ENTREVISTA:

Eliza Maria dos Anjos. Nasceu em 12/06/1926 tendo hoje 91 anos de idade. Parteira anciã pegou mais de 100 crianças e mora no Território Caramuru Catarina Paraguaçu.

1º- Qual é o segredo para ser parteira?

R= Dom, já nascer com a missão.

2º- Com quantos anos a Sr.^a começou a pegar crianças?

R= Eu tinha em média de 30 anos quando comecei a ser parteira, mais antes pegava desde meus 16 anos ajudando outras parteiras e minha avó. Aí minha vó perto de morrer mim entregou o bastão. Daí pra cá eu passeia a assumir esta função.

3º- Este trabalho é fácil? No começo a Sr.^a sentiu dificuldade?

R= Não. Aprendi rápido e nunca tive dificuldade.

4º- Qual foi o parto mais difícil que a Sr.^a já fez?

R= Peguei uma criança que estava sentada.

5º- Como foi o procedimento ou o que a Sr.^a fez para a criança nascer?

R= Comecei a dar massagem, rezei, ajeitei até a criança virar e ficar encaixada, dei três balanços aí a dor veio e a criança nasceu pelos pés.

6º- A Sr.^a fez algum remédio de mato? Qual?

R= Sim massagem e banho. Massagem feita com poejo, alevante, transagem e losna. Mistura no azeite doce e no óleo de amêndoa, esquentar deixando morno em seguida massagear a barriga. Banho de Mentrasto. Cozinhar e dar o banho.

7º- Quando a mulher incomoda ou começa a sentir dor para parir e demora a ponto de achar que passou do dia de nascer o bebe o que pode ser feito?

R= Banhos, massagens e dar comida ãmilhoõ a um jegue na saia. Isso ajuda a nascer no dia certo.

8º- O que pode causar o atraso no parto?

R= Passar em baixo de arame, cabresto, rédea de animal, saltar fezes de animal, raspar o resto de mingau para comer, arroz ou qualquer outra comida na panela, doenças do vento e amarrar o parto através de feitiços.

9º- Se houver ameaça de aborto o que fazer?

R= Lavar o cano de espingarda e dar a água para beber.

10º- Se a mulher estiver com hemorragia o que pode ser feito para estancar o sangue?

R= Pisar ou machucar a casa do marimbondo de parede, colocar na água e dar para beber.

11º- É importante ter parteira na aldeia por quê?

R= Porque médico está difícil e as parteiras com sua sabedoria ajuda os médicos.

12º- A Sr.ª já fez parto com algum médico? Essa experiência foi boa?

R= Sim já fiz e foi muito bom pois trocamos conhecimentos.